

História e cinema: luz, câmera, transposição didática

Liz de Oliveira Motta Ferraz é funcionária do setor de recursos humanos da UNEB (Universidade Estadual da Bahia) e aluna do 5º semestre (total de 6) do curso de Licenciatura em História das Faculdades Jorge Amado. Participa do grupo de estudos *História, Educação e Gênero* nesta faculdade sob a orientação da Profa. Dra. Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti. O presente artigo foi apresentado na *I Semana Acadêmica de História: História e Educação em tempos de Inclusão*, das Faculdades Jorge Amado em 2005. Publicou outros artigos como *As Faces de Eva: os papéis da mulher no século XIX* nos Anais do XV Simpósio de História do Espírito Santo: etnia, gênero e poder, 2005 e *Um Caleidoscópio Chamado História: novos caminhos para novas visões* na Revista Eletrônica Práxis de História das Faculdades Jorge Amado. Atualmente pesquisa a violência doméstica contra a mulher no sertão baiano e as novas linguagens para a compreensão da História.



"O filme, imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou pura invenção, é História".

Marc Ferro.

Uma breve análise do ensino de História no Brasil a partir do século XIX

A História e sua transposição didática já sofreram críticas e modificações ao sabor de teorias e metodologias milagrosas, que pretendiam introjetar todo o seu conteúdo (como se isso fosse possível) nos alunos. A escola tradicional, que pregava um ensino estritamente visual de textos e trato superficial das imagens, não conseguiu tal intento. Sua prática axiomática se resumia ao saber-decorar. Análise e posturas questionadoras eram suprimidas pela avalanche textual e documental, fomentando a apatia nos professores e aversão nos alunos pela disciplina histórica. No Brasil, em particular, desde os jesuítas no período colonial, passando pelo Colégio D. Pedro II no século XIX até os dias atuais, ainda encontramos esse modelo tradicionalista e propedêutico no ensino de História. Um ensino cristalizado e descomprometido com as demandas das sociedades, que se transformam constantemente. Como afirma a professora Elza Nadai (1993: p.93):

(...) a relação negativa, de "ódio", da juventude para com a disciplina; a decoração como atividade precípua de aprendi-

zagem; o conhecimento pronto e acabado e, (...) o reconhecimento (...) de que é necessário buscar a superação da teoria e de práticas que tradicionalmente informaram o exercício da disciplina histórica.

Nesse modelo, a imagem era apenas vista, e não visualizada, sem nenhum tipo de função cognitiva e *ao se aproximar do campo visual, o historiador reteve, quase sempre, exclusivamente a imagem – transformada em fonte de informação* (MENESES: 2003, p.12); uma fonte sem as suas nuances, seus movimentos, não possuindo função social, não formando senso crítico, não transmitindo conhecimento já que era muda em sua essência. Sua função era apenas estética, e como tal, ilustrar e decorar já lhes bastava. Quebrando esse tradicionalismo *entorpecedor* sobre o uso da imagem como recurso sistêmico e reflexivo, nos faz ponderar sobre:

(...) as vantagens que poderiam beneficiar o conhecimento histórico, se a atenção dos historiadores se deslocasse do campo das fontes visuais para a visualidade como objeto de-
tentor, (...) de historicidade e como plataforma estratégica de elevado interesse cognitivo. (MENESES: 2003, p. 16)

Já os textos abordados em sala de aula, traziam uma História factual, determinista e eram comprometidos com a "História Oficial" dos seus governantes e dos seus heróis. Algumas ima-



gens de figuras ilustres sempre masculinas e brancas preenchiam esses livros "(...) em que os organizadores propõem que a imagem visual seja considerada como o lugar de construção e figuração da diferença social" (MENESES: 2003, p. 17) ficando a mulher, a criança e o negro à margem da História. Lá, numa perspectiva positivista e elitista, esses *super-homens* permaneciam soltos e pálidos entre palavras, esperando uma visualização reflexiva para saírem do ostracismo infecundo do esquecimento ao ser virada a página seguinte. O índio aparecia com certa regularidade nos livros, mas sempre como um ser irascível, monstruoso e pagão.

Apenas a literatura e as artes plásticas eram tratadas dentro do conteúdo histórico, mas ainda assim, de maneira bastante limitada e repetitiva. Na maioria, essas fontes eram marcadamente eurocêntricas, já que as editoras utilizavam cópias de obras do velho continente.

Os sinais de mudanças: as novas perspectivas

O principal objetivo do saber histórico é refletir sobre os processos e as relações entre os grupos em diferentes temporalidades. A História é constituída de diferenças e rupturas, não existem situações estanques e apenas fatos e datas; vai além de nomes e construções puramente ideológicas. Nas primeiras décadas do século XX, a História passa por uma ver-

dadeira metamorfose teórica. Os *Annales*, corrente francesa fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch, propõem novas fontes, novas abordagens e novas metodologias, e estes já estimulavam o uso de fontes não verbais: (...) *conclamavam, em 1929, os historiadores a saírem dos seus gabinetes e farejarem, tal como o ogre da lenda, a carne humana – em qualquer lugar que pudesse ser encontrada, em quaisquer meios.* (CARDOSO. MAUAD: 1929: p. 401)

Dentro dessa perspectiva libertadora e ilimitada onde tudo é, *a priori*, História, destacam-se todos os agentes sociais, individuais e coletivos e surge a necessidade de relativizar não só as relações entre esses sujeitos, mas também, a temporalidade no decorrer dos processos históricos.

Diante dessas considerações, configura-se a necessidade da utilização de diversas metodologias, fontes e linguagens para a construção de uma História mais atrativa para os jovens desinteressados e desmotivados diante de repetições, decorações e nulidade analítica. Dentre as linguagens que podem ser abordadas no estudo da História estão a literatura, a música, a cultura material e imaterial, o teatro, as artes plásticas e o cinema.



Por que usar o cinema na sala de aula?

A proposta deste ensaio é abordar o cinema como uma das linguagens que permeiam a transposição didática e prática epistemológica do saber histórico. O cinema possui mensagens filmicas individuais e múltiplas; mensagens que traduzem valores culturais, sociais e ideológicos de uma sociedade. Refletir sobre a aplicação dessa linguagem midiática em sala de aula e especificamente na disciplina História, levantando questões acerca da prática docente no que tange a projeção, e as lacunas analíticas que se formam ao longo dessa atividade por ser tratada de forma isolada e fragmentada.

Todo filme é um documento desde que corresponda a um vestígio do passado remoto ou imediato, embora a historiografia aponte que são documentos a partir da concepção da História pelo historiador e o valor essencial do documento, tornando-o objeto de pesquisa e análise.

Qualquer filme traz uma forma de contar multilinguística. O ver-visualizar que abrange todos os sentidos do aluno. É uma história narrada através de representações visuais, ou seja, as imagens em movimento, traduzindo um enredo inspirado em aspectos sócio-culturais de pessoas inseridas em contextos que podem colaborar na construção do conhecimento desde que a reflexão seja estimulada e utilizada de maneira adequada. O vídeo passa pelo sensorial, emocional, intuitivo e por fim o raci-

onal, formando um elo entre o presente (momento da projeção), passado e futuro (objetos de reflexão).

Neste prisma, o recurso do cinema em aulas de História torna-se ferramenta de apoio fundamental para a contextualização dos temas propostos pelo professor e de prazerosa análise posterior dos alunos. Napolitano conclui: *Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte.* (2003: p. 11-12)

A escola não pode estar centrada em si mesma. Seus muros são altos, mas não intransponíveis, e acatar apenas as disposições que as instituições governamentais lhes inferem é permitir a atrofia da aprendizagem, o estaque da prática e a cristalização do que está sempre em constante mudança: a sociedade.

A História do Cinema

A Sétima Arte, como também é conhecido o cinema, nasceu na França em 1895, com os irmãos Lumière, que num café parisiense reproduziram, numa grande tela, para uma pequena platéia maravilhada que observava boquiaberta as imagens em movimento, três filmes. Diferente da fotografia, que cristaliza a ação e o tempo, essas imagens tinham vida, interagem e relata-



vam o cotidiano contínuo num espaço temporal. Os dois irmãos tinham inventado uma máquina, o cinematógrafo, que movimentava as imagens numa constante velocidade. Foram apenas dois pequenos filmes: *La Sortie des ouvriers de l'usine Lumière* (A saída dos operários da fábrica Lumière) e *L'Arrivée d'un train en gare* (Chegada de um trem à estação), mas esse episódio mudaria para sempre o uso das imagens.

Durante os anos subseqüentes até a atualidade, o cinema também sofreu modificações, foi aprimorado com novas técnicas, equipamentos e tecnologia de ponta, chegando a ser hoje uma indústria bilionária. Mas o seu encanto centenário continua provocando o mesmo sentimento de admiração em milhares de pessoas de todas as idades, classes sociais, das mais variadas culturas e etnias. A cinematografia com objetivo didático tem feito um grande serviço ao ensino de História por atrair, de forma entusiasmada, os jovens que vinham com desinteresse pela matéria. A linguagem cinematográfica consegue abarcar tantos porque sua óptica é reveladora do cotidiano, dos costumes, dos sentimentos e anseios do homem, suas fantasias e sua imaginação.

Reflexões sobre o uso da linguagem fílmica

O filme se projeta como instrumento de socialização. O ato de ir ao cinema, e assistir a um filme compartilhando aquele

momento com outras pessoas, revelando emoções, quer sejam risos, quer sejam lágrimas, interagindo com a tela e esta com os espectadores faz deste momento, um vetor de troca de informações, comportamentos e sentimentos. Também se torna objeto sociológico, já que enredos são reflexos, via de regra, da sociedades que os forjaram. Embora reflita as nuances do cotidiano e suas ideologias, nem sempre a película é fiel a esse reflexo, pois como a fotografia e as demais linguagens, o homem tem a capacidade de omitir, distorcer ou fragilizar situações e personagens históricos com os usos e abusos da imagem ao sabor de interesses econômicos, sociais, políticos ou culturais.

O professor deve estar atento a essa questão para que o aluno não tome a projeção como uma verdade absoluta, esquecendo de relativizar tempo, espaço e sujeito histórico. Os alunos podem estudar o filme como um testemunho da história e das representações do passado, mas não limitar sua análise a esse documento, pois os enredos articulam mais sobre presente ainda que seu discurso esteja situado no passado.

A introdução de vídeos nas salas de aula já se faz prática desde os anos oitenta do século XX. Mas a inserção dessa atividade ainda é insipiente, não que não existam metodologias de direcionamento e teorias de suporte, *já que no campo das humanidades existe razoável bibliografia, e alguns autores tentam*



apontar para o trabalho (...) do filme. (NAPOLITANO apud ALMEIDA: 2003, p. 12).

Alguns professores, para não falar a maioria, tratam a exibição dos filmes como um instrumento ilustrativo de temas ou como solução imediata para a falta de planejamento do dia. Em História, essa condição se mantém, haja vista que a profusão de produções épicas e temáticas são um enlevo para professores tradicionalistas, ainda presos aos livros didáticos e pouco preocupados com a capacidade analítica dos seus alunos e com a coerência dos filmes em relação aos conteúdos propostos pela disciplina. Geralmente, esses docentes não fazem qualquer tipo de planejamento ou apenas recebe-o da coordenação sem questionar seus conteúdos e sequências didáticas. Diante dessa recorrente situação, as possibilidades da prática se tornam limitadas e repetitivas. Fonseca alerta para essa última questão: *Com relação à operacionalização do trabalho em sala de aula, acreditamos ser de extrema importância a preparação prévia do professor, ou seja, ele deve ter domínio em relação ao filme e clareza total da inserção do filme no curso, bem como dos objetivos e do trabalho a ser realizado após a projeção.* (2004: p. 181)

Conclui Saliba que, *nesse sentido, é certo que hoje se admite que a imagem não ilustra e nem reproduz a realidade, ela a constrói a partir de uma linguagem própria, que é produzida num dado contexto histórico* (2004: p. 119). Essa linguagem deve ser

direcionada pela postura do professor que deve ter um domínio mínimo do filme proposto: *não se trata de exigir do professor que se torne crítico profissional, mas algumas informações básicas irão otimizar o trabalho.*(...) *Toda e qualquer informação poderá ser útil nas atividades em sala de aula, pois torna a análise e mediação do professor mais interessante.* (NAPOLITANO: 2003, p. 80)

Exibir um filme para sala de aula não é uma atividade isolada. Na disciplina histórica, estes devem ser tratados não como lúdicos, mas como fonte primária e real do processo ensino-aprendizagem onde o professor deve *partir da imagem, das imagens. Não buscar nelas somente ilustração, confirmação ou o desmentido de outro saber que é o da tradição escrita* (FERRO: 1989, p. 86). Fomentar o interesse e uma postura crítica nos alunos são premissas para o professor de História. Tanto faz o gênero. Da comédia ao drama, sempre haverá uma análise a ser feita, e por traz desta, um objetivo a ser alcançado pela professor, que deve ter (...) *sempre em mente um conjunto de objetivos e metas a serem atingidas, procurando aprimorar os instrumentos de análise histórica e filmática* (NAPOLITANO: 2003, p. 79).

A escolha do filme é outro item importante a ser analisado pelo professor de história, com a ajuda de algumas reflexões básicas: a faixa etária da turma, a linguagem utilizada no filme, a duração do filme, o gênero que melhor se adequa ao tema que está sendo trabalhado, são algumas questões a serem le-



vantadas antes de inserir uma película numa sequência didática.

Levar o cinema para a sala de aula atenua o antigo método de só conhecer História através da leitura de textos escritos, do conjunto de textos que formam livros didáticos que, comumente, são os instrumentos de trabalho indispensáveis na visão docente. Embora a redação e apresentação desses manuais estejam mudando gradativa e lentamente, suas leituras continuam sendo enfadonhas se não forem acompanhadas de outros subsídios para a compreensão da disciplina histórica.

A transposição didática aliada a uma metodologia que utiliza diversas linguagens, amplia a visão do professor e lhe fornece subsídios reflexivos ativos sobre um trabalho interdisciplinar e *desalienante* envolvendo as representações culturais que adquirem significados e importância para a caracterização de povos e sociedades.

Tratar questões históricas como: diversidade cultural, modos de produção, trabalho compulsório, civilizações, a mentalidade de uma determinada sociedade, gênero e tantas outras com a ajuda de vídeos bem escolhidos e analisados previamente pelo professor, proporciona ao aluno uma compreensão infinitamente maior dos conceitos e constrói sua percepção como sujeito histórico

Todo filme relata uma história, e partindo da premissa dos *Annales*, onde tudo são fonte e documento que levam à Histó-

ria, então o filme também é documento de pesquisa e reflexão epistemológica. Para revestir o vídeo desse caráter histórico e alcançar os objetivos, o professor pode *lançar mão de textos de apoio que diretamente relacionados ao filme exibido podem ser muito úteis, dentre eles: entrevistas com o diretor e atores, críticas publicadas em jornais* (NAPOLITANO: 2003, p. 85), tornando mais fácil a visualização e interpretação do enredo.

Apesar da dificuldade em encontrar documentação “séria” sobre as produções, ainda assim, deve-se pesquisar para a otimização da atividade. Napolitano ainda alerta que os textos de apoio não podem substituir a análise e reflexão do enredo, mas ajudam na formação crítica dos alunos e dos professores.

O cinema: cuidados e vantagens

O filme não deve ser único elemento a ser utilizado pelo professor. Outras linguagens cinematográficas também são importantes e facilitadoras. O aluno pode compreender o contexto histórico com a ajuda da música, que geralmente está concatenada com o momento histórico transmitido na película, se a história está sendo narrada ou se é um monólogo, por exemplo. O cinema, apesar de todas as suas peculiaridades e sendo campo fértil para a compreensão da História, peca ao trazer apenas um recorte temporal, espacial e humano. Caindo nessa armadilha o professor, já que este estabelece a relação



de intermediação entre a projeção e a cultura do educando, pode estar sendo reducionista e cair no abismal anacronismo, julgando situações, valores e condutas de um momento histórico pelos parâmetros presentes da sua cultura e sociedade; isso é muito recorrente nesta atividade.

Ainda que se tente, um filme não consegue abordar todo o contexto de uma época; por essa razão, ao analisar o que irá reproduzir, o professor deve estar ciente se a película aborda ou sugere as questões propostas pelo assunto. Outra situação que atrapalha essa atividade é a falta de alguns títulos em VHS e DVD no mercado. Esta questão é de suma importância, pois nada mais frustrante do que, após um longo planejamento e seleção, o professor não encontre o filme em locadoras e institutos audiovisuais. Por isso, uma pesquisa deve ser feita antecipadamente, antes mesmo da sugestão e apresentação do título a ser trabalhado pelos alunos.

Quando da exibição, os alunos devem ser preparados antecipadamente para esta atividade, motivando-os a fazer uma análise seminal do enredo, dos personagens, do contexto histórico, dos diálogos, da trilha sonora e das expressões corpóreas dos atores e, a partir dessa reflexão, compreenderem que cada produção tem as suas singularidades e permeabilidades:

(...) Para evidenciar o quanto os filmes estão impregnados de valores da época com base na qual foram produzidos (...)

todo o esforço do professor pode ser no sentido de mostrar que, à maneira do conhecimento histórico, o filme também é produzido irradiando sentidos e verdades plurais. (PCN'S: 1998, p. 88).

Essa atividade traz para o aluno a visualização da imagem e através desta, outros prismas enriquecedores, podendo identificar a linguagem que os personagens utilizam no tempo histórico representado, bem como o figurino, que é revelador de uma época, uma tendência ou uma cultura. Formações sociais, políticas e religiosas, paisagens geográficas e históricas, em todos esses aspectos, o filme é revelador e caminho facilitador para o aluno.

Embora citadas todas essas vantagens, há que se ter cuidado na transposição didática, já que o cinema *cult* direciona sua produção ao grande público e não está preocupado em evidenciar um contexto histórico alicerçado teoricamente. Seu objetivo é a lucratividade do empreendimento através de um enredo bem montado e de qualidade, para que assim o público consuma mais produções. Por isso, é corriqueiro assistir filmes que, para agradar a *massa*, tornam-se tão descaracterizados nos seus aspectos históricos que se tornam verdadeiras *caricaturas históricas*. Poucos são aqueles que seguem as obras originais e mesmo assim, por serem adaptações para a grande tela per-



dem, nesse processo, os seus matizes de fidelidade evidenciando partes do processo ou enfatizando uma personagem, deixando outras tão importantes quanto essa à margem do roteiro.

Cinema e sala de aula: uma dupla perfeita

Em contrapartida, a exibição desse tipo de filme pode ser inteiramente aproveitada pelo professor, para que os alunos façam comparações e reflexões com outras fontes de pesquisa.

(...) é importante porque traz para a escola aquilo que ela se nega a ser e que poderia transformá-la em algo vívido e fundamental: participante ativa da cultura, e não repetidora e divulgadora de conhecimentos massificados, muitas vezes já deteriorados, defasados (...). (ALMEIDA apud NAPOLITANO: 2003, p. 12).

Desvincular a mentalidade do aluno sobre um filme comercial e reportá-lo para o saber histórico é um trabalho árduo para o professor de História. As representações filmicas chegam até nós como uma avalanche de personagens e valores que são construídos e diluídos em momentos fugazes pela massificação dos meios de comunicação. Imagens que vem e vão, por falta de uma visualização profunda ou pelo excesso de películas. Como abordar temas com farta filmografia, mas em completa nulidade analítica? Como reverter a cegueira avaliativa dos alunos? Como os historiadores se portam diante de contex-

tos históricos tão distorcidos? E, finalmente, como motivar professores a utilizar e relativizar o cinema para a compreensão do saber histórico no aspecto cognitivo do ensino-aprendizagem?

Saliba nos traz em resposta um presente desanimador:

O prestígio cada vez maior das imagens coloca em jogo o próprio estatuto das representações utilizadas pelo conhecimento histórico. Artífice da palavra num mundo que a despreza, o historiador se vê ameaçado pela pecha de antiquário. Mesmo na figura do professor, profissional treinado na *grafosfera*, vê-se desqualificado e desconfortável neste mundo permeado pela *videosfera*.(2004: p. 122)

Embora este autor tenha razão em sua análise, não podemos esquecer que as imagens em movimento, isto é, os filmes são elementos operacionais e estratégicos de grande valia para o conhecimento do passado e da realidade.

Através da prática de projeções em sala, o aluno passará a ser um crítico contumaz de enfoques históricos e não apenas um espectador alienado. O filme, quando questionado, saberá responder as expectativas de professores e alunos.

Referências Bibliográficas

CARDOSO, Ciro Flamarion. MAUAD, Ana Maria. *História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema* In CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria**



e metodologia, 13ª Reimpressão, Rio de Janeiro: Campus, 1997.
FERRO, M. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizagens**, 2ª Edição, Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.
JUNIOR, Ghiraldelli Paulo. **Filosofia e História da Educação Brasileira**. Barueri, SP: Manole, 2003.
MENESES, Ulpiano B. Fontes. *Fontes Visuais, cultura visual, história visual: Balanço provisório*. In: **Revista Brasileira de História: O ofício do historiador**, nº 45. São Paulo, ANPUH, 2003.

NADAI, Elza. *O ensino de História no Brasil: trajetória e perspectivas*. In: **Revista Brasileira de História**, nº 25/26. São Paulo, ANPUH, 1993, p. 143-162.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**, São Paulo: Contexto, 2003.

PCN's: **Parâmetros Curriculares Nacionais** – 5ª a 8ª séries – História. MEC, 1988.

SALIBA, Elias Thomé. *Experiências e representações sociais: reflexos sobre o uso e o consumo das imagens*, In BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**, 9ª Edição, São Paulo: Contexto, 2004.

